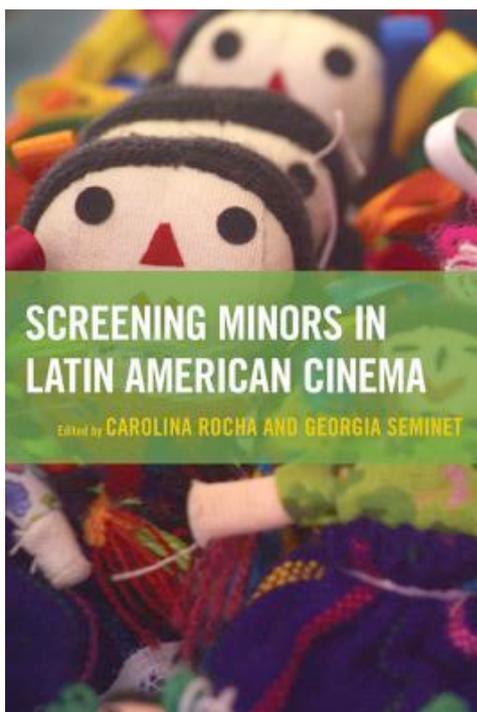


Sobre Rocha, Carolina e Georgia Seminet. *Screening Minors in Latin American Cinema*. Maryland: Lexington Books, 2014, 204 pp., ISBN 978-0-7391-9951-0.

por Letizia Osorio Nicoli*



A coletânea de textos *Screening Minors in Latin American Cinema*, organizada por Carolina Rocha e Georgia Seminet, vem enriquecer um debate que há muito se fazia necessário na área de estudos de cinema, acerca da representação da criança e do adolescente no cinema latino-americano. Na introdução, as organizadoras deixam claro um esforço para criar um espaço de debates sobre o tema.

Apesar de ser uma figura recorrente no audiovisual – assim como na literatura – a criança ainda não foi suficientemente abordada nas pesquisas acadêmicas. Tal afirmação se confirma através da ausência de um denso conjunto de obras de diferentes períodos e de correntes teóricas abordando a relação Criança e Cinema. Apesar de existirem livros e artigos publicados em diferentes países, percebe-se que as pesquisas sobre o tema costumam ser desenvolvidas em outras áreas que não a dos estudos de cinema. A coletânea de Rocha e Seminet opera na contramão dessa tendência, estabelecendo o tema como um campo de estudos promissor.

O livro está dividido em quatro partes, agrupando propostas que se assemelham pela temática, e, sobretudo, pelas similaridades entre os filmes

analizados. A primeira delas, intitulada *Coming to Voice on Screen: Minors and the Struggle for Agency*, contém três capítulos dedicados a múltiplas possibilidades de agência na construção de personagens crianças e adolescentes no cinema latino-americano contemporâneo. O primeiro, de autoria de uma das organizadoras do livro, Carolina Rocha, analisa os procedimentos estéticos de dois filmes brasileiros para perceber como esses privilegiam o olhar de seus protagonistas infantis na estruturação da narrativa. O texto se destaca por desenvolver – tal como a autora aborda na introdução com Seminet – a relação entre referências do feminismo e pós-colonialismo e a infância, citando autoras como E. Ann Kaplan e Gayatri Spivak. É assim que a autora desenvolve o conceito de “olhar adulto” da câmera, a partir do conceito de “olhar masculino”, bem desenvolvido por Kaplan.

A possibilidade da câmera privilegiar o olhar da criança no cinema é retomada no capítulo seguinte por Sophie Dufays, que associa tal olhar à linguagem verbal. Segundo a autora, no cinema argentino pós-ditadura militar, a criança é utilizada sobremaneira como uma alegoria da testemunha inocente, e a ela, geralmente, é atribuída a verbalização como forma de recuperação e assimilação histórica do pátrio. A partir dessas premissas, a autora analisa como dois filmes argentinos contemporâneos, *La ciénaga* (Lucrecia Martel, 2001) e *La rabia* (Albertina Carri, 2008), privilegiam o olhar infantil à linguagem verbal como uma forma de subjetivação da criança.

La rabia volta a ser objeto de estudo do terceiro capítulo, juntamente com *Géminis* (2005), também de Carri. O texto de Alejandra Josiowicz centra-se na figura da menina, desde sua formação identitária de gênero e sexualidade à sua agência. Destaca-se, na análise da autora, o conceito de imagem-tempo de Gilles Deleuze e sua associação aos procedimentos fílmicos que evidenciam e privilegiam o olhar infantil das meninas. Tal como os textos anteriores, o terceiro capítulo valoriza a câmera que estabelece a criança

(neste caso, meninas) como sujeito. Sugere-se assim que, apesar de todas as dificuldades, alguma agência é permitida a essas crianças.

A segunda parte, *Children and Family Dynamics*, dedica-se a como filmes latino-americanos apresentam a criança em meio às relações familiares. No primeiro capítulo, o texto de Sarah Thomas retoma a questão já presente em capítulos anteriores acerca do uso da imagem criança como símbolo da inocência. Além disso, a autora também se dedica, de forma bastante aprofundada, a abordar as questões de alteridade relativas à criança, e às assimetrias que existem entre as esferas adulta e infantil. Thomas se utiliza de alguns autores para lançar a possibilidade de essas assimetrias serem, sobretudo, relativas à agência – tema presente em toda a coletânea. Através da análise do filme *Las malas intenciones* (Rosario García-Montero, 2011), ela se dedica a perceber formas como a criança, no cinema latino-americano, funciona como um referencial para introduzir, na trama, o contexto familiar e sócio-político na qual ela está inserida. É o caso da pequena protagonista do filme em questão, Cayetana. Thomas ressalta ainda a importância do uso da imaginação e do pensamento mágico, no cinema de ficção, como uma forma de dotar de agência os personagens infantis, que percebem e ressignificam os conflitos que os rodeiam através do irreal.

A seguir, o texto de Amanda Holmes se dedica à formação da identidade de gênero através das relações familiares, especialmente das meninas com as mães, tomando como exemplo *Lola*, de Maria Novaro (1989). O filme, voltado à mudança nos contornos da maternidade na América Latina no final do século XX, dá à criança uma importante função na construção da personagem-título, provocando reflexões acerca de contexto, gênero e identidade. A autora ressalta ainda a função da brincadeira, no roteiro do filme, como uma ponte entre a relação de alteridade adulto x criança. Ao centrar-se em tal conceito (no original, “play”), o texto de Holmes se diferencia de grande parte dos escritos

acerca de infância e cinema por introduzir novas referências, das quais se destaca Owain Jones e sua obra “*True Geography [] Quickly Forgotten. Given Away to na Adult-Imagined Universe*’. *Approaching the Otherness of Childhood*”.

A seguir, Walescka Pino-Ojeda traz em seu texto a formação da identidade de gênero masculina e das questões de classe no cinema chileno, centrando sua análise no filme *Julio comienza en Julio*, de Silvio Caiozzi, lançado em 1979. Através da análise do filme, bem contextualizada em torno da produção chilena do final do século XX e princípio do século XXI, o texto acentua os ritos de passagem para a idade adulta e transmissão de questões de masculinidade e machismo, e como estes são atravessados, na América Latina, pelas questões de classe e hierarquias socioeconômicas.

A terceira parte, *Mobile Youth: Migration, Poverty and Violence*, volta-se ao tema das migrações e juventude no cinema latino-americano. Oportunamente, essa parte também é marcada pela abordagem da adolescência, o que permite ampliar as definições de infância e menoridade, para evidenciar a complexidade do sujeito político “menor” contido no título da obra.

Os capítulos contidos nessa terceira sessão também estão marcados pela violência social, econômica, política e de gênero. É o caso do texto de Hólmfriour Garoarsdottir, dedicado a analisar dois filmes da América Central protagonizados por meninas adolescentes, tendo por objetivo evidenciar como o cinema constrói a crítica social a partir de processos de subjetivação de personagens que atravessam a adolescência. Além de ressaltar o engajamento desses filmes com o realismo, o capítulo introduz uma rica seleção de referências acerca da adolescência e de suas representações na ficção, para embasar suas análises fílmicas.

Em seguida, Laura Senio Blair aborda os *road movies* latino-americanos protagonizados por adolescentes, especialmente *La misma luna* (Patricia Riggen, 2007) e *Sin nombre* (Cary Fukunaga, 2009). O texto aborda as questões de classe e desigualdade social que impelem correntes migratórias à mobilidade internacional, cruzando fronteiras ilegalmente em direção a países vizinhos mais ricos. A análise de Blair ressalta como esses filmes se utilizam, remodelam e revitalizam procedimentos estéticos típicos desse gênero hollywoodiano para criar histórias que se adaptem a uma tentativa de subjetivar personagens jovens.

O terceiro texto dessa sessão, de Juli A. Kroll, colige ideias e conceitos de diferentes autores a respeito da representação de crianças e adolescentes no cinema mundial e latino-americano. A autora ressalta como essas representações soem projetar preocupações dos adultos, com a possibilidade de associar a juventude a uma recriação de contextos de forma mais flexível. A partir disso, Kroll procede uma análise do filme *Al otro lado* (Gustavo Loza, 2004), que retrata simultaneamente três jovens protagonistas, em diferentes países, lutando contra a desintegração familiar por conta dos movimentos migratórios de origem econômica. Tal como outros capítulos, sobretudo o de autoria de Sarah Thomas, Kroll evidencia como a imaginação e o fantástico intermediam a relação da criança (ou adolescente), com realidades áridas.

Encerrando a terceira parte do livro, Traci Roberts-Camps aborda a violência sexual de gênero na adolescência a partir da análise de dois filmes da diretora mexicana Marisa Sistach. A autora busca ressaltar como os dois títulos, sobretudo através de procedimentos estéticos, promove a subjetivação das personagens. Apesar de vitimizadas pelo machismo e pela desigualdade social, que acarretam numa falta de agência detectada por duas frases salientadas pela diretora (“Nadie te oye” e “Nadie te ve”), o capítulo demonstra

que a diretora utiliza imagem e som para promover o ponto de vista das jovens como uma forma de subjetivação.

Finalmente, a quarta e última parte está dedicada a discutir os particulares da representação de menores no cinema documentário. O capítulo escrito por Jack Draper II compara dois filmes dirigidos pela brasileira Sandra Werneck, sendo um documentário e uma ficção. Os dois filmes, no entanto, têm como figuras centrais adolescentes moradoras de comunidades do Rio de Janeiro, que encaram o desenvolvimento da sexualidade e a gravidez precoces. Draper utiliza a expressão “outlaw emotions” (emoções fora da lei) – a partir de referências feministas como Alison Jaggar – para diferenciar o discurso de Werneck acerca da temática em cada um dos filmes.

O resultado é uma crítica cuidadosa ao lugar de fala do cinema (em especial, do cinema brasileiro) que, segundo o autor, se sobrepõe à agência de jovens meninas invisíveis ou reprimidas nas narrativas tipicamente adultocêntricas e masculinocêntricas. É interessante perceber como o texto de Draper, ao reivindicar a legitimidade dos desejos das jovens protagonistas do documentário *Meninas*, em concomitância com a percepção a uma sensibilidade da diretora em relação a sua própria visão acerca do tema, estabelece um diálogo com estudos sobre a sexualidade e a juventude no cinema de ficção – notadamente os presentes em capítulos anteriores. Essa ponte evidencia um aspecto ético central na representação de menores no documentário, uma vez que ela envolve dois sujeitos: o diretor e o documentado.

Por outro lado, o capítulo seguinte, centrado em documentário colombiano sobre um ritual de passagem indígena de meninas na puberdade, propõe uma reflexão acerca da construção do feminismo no discurso documentário. A autora Rachel Randall relaciona, de maneira muito profícua, os estudos acerca

do uso do véu em certas culturas com o ritual do “encierro” retratado no documentário analisado. De maneira bastante assertiva, a autora demonstra que, através de certas práticas audiovisuais, a diretora enfatiza determinados aspectos e falas dos sujeitos do filme para sustentar práticas e rituais de culturas como subjetivação e agência de mulheres.

Nota-se, nessa última sessão do livro, a retomada de questões sobre adolescência e juventude presentes em capítulos anteriores. No entanto, a particularidade de se dedicarem à não-ficção incide diretamente sobre a estrutura de suas análises. Esses textos centram-se na ética da representação de menores e na análise do posicionamento dos realizadores em relação aos indivíduos que documentam.

Apesar de salientarmos aqui essas peculiaridades dos dois últimos capítulos do livro, é preciso perceber o quão marcada é a coesão entre todos os textos que integram a obra. A coletânea apresenta uma trajetória que se complementa, e que constantemente evoca autores, correntes teóricas e conceitos comuns e recorrentes em diferentes capítulos.

É interessante perceber como os Estudos de Gênero e as referências feministas – dois campos bastante estabelecidos nas Ciências Humanas e fortemente influentes nos Estudos de Cinema – são evocados e formam esteio para propostas de análise na representação da infância e da juventude no cinema. Delineia-se, assim, uma série de relações que deverão ser mais e mais referenciadas em estudos futuros.

Além disso, a quantidade de filmes latino-americanos recentes debruçados sobre crianças e adolescentes, e as similaridades temáticas que os autores deste livro apontam, reafirmam a premência de estudos nessa área. A qualidade dos artigos apresentados neste livro demonstra que o esforço das

organizadoras em tornar a Infância e o Cinema Latino-americano um campo de pesquisas fortemente estabelecido já começa a render frutos.

* Letizia Osorio Nicoli é graduada em Comunicação Social pela PUC-RS (Brasil) e mestre em Multimeios pela UNICAMP. Atualmente cursa doutorado, com financiamento pela CAPES, no mesmo Programa de Pós-Graduação. É editora e montadora de cinema, vídeo e televisão. E-mail: letizianicoli@gmail.com